

Projeto *Jejy* – Reflorestamento do Palmito – 022/02

1.

- 1.1. Que o palmito juçara – *Euterpe edulis* (Martius) – não se extinga da Mata Atlântica. Impedir que ele seja cortado como meio de coleta e de subsistência dos índios da aldeia e outros indígenas.
- 1.2. Criar um meio de subsistência através de fornecimento de mudas de palmito (juçara, pupunha, açai e híbrido) e também do corte do caule da árvore plantada (para a venda).
- 1.3. Comercializar espécie de palmito pupunha que tem mais viabilidade de produção e corte para venda e consumo.
- 1.4. Que a comunidade crie espaço para uma nova opção comercial que não seja a extração do palmito juçara – *Euterpe edulis* (Martius) – do interior da Mata Atlântica.
- 1.5. Possibilitar a criação de animais de caça (paca, capivara, porco do mato, etc.) que dependem do fruto do palmito para sobreviverem.
- 1.6. Difundir a idéia para outras comunidades indígenas da área e populações ribeirinhas.
- 1.7. Poder fornecer as mudas e sementes para populações não indígenas.
- 1.8. Criar meios de subsistência que sejam de valor tradicional e tenham peso para a auto-estima e a identidade cultural.

2.

2. O funcionamento do projeto compreende o plantio dos frutos do palmito juçara, açai, pupunha, híbrido a partir das árvores já existentes. No início, há 10 anos, foram retirados os cachos do juçara, na mata. Data de cinco anos a introdução dos outros tipos por iniciativa da Casa da Agricultura do Município de São Sebastião.
A partir da compra ou doação de saquinhos plásticos para as mudas são formadas as sementeiras. Com o preenchimento de terra nos saquinhos e a semente tem início a germinação.
Após seis meses, quando surgem os brotos e após atingirem uns 15 a 20 cm estarão as mudas prontas para venda, para replantio no local, ou para doações.
A distribuição compreende doações feitas nos últimos 5-7 anos para a comunidade local (A. I. Guarani do Ribeirão Silveira). Nos últimos dois anos foram doadas mudas para as aldeias Guarani da Barragem, Krucutu, na Grande São Paulo.
No futuro (2002-2003) pretende-se abrange as aldeias do Pico do Jaraguá (SP) e Peruíbe (E.S.P.) e outras aldeias do litoral do sul.
Uma parte das mudas se destina às áreas locais vizinhas e regiões interiores da mata, as quais se apresentam devastadas.
Os palmiteiros (*jejyty*) cercam os núcleos de moradia e com as dinâmicas de doações são estendidos para os vários núcleos patrilocais, da aldeia (ver foto).
A venda de mudas atende demandas não indígenas. O principal cliente é a FUNAI e a Prefeitura Municipal de São Sebastião e de Bertiooga que vêm investindo no plantio dos vários tipos de palmito, em projetos paisagísticos e de ornamentação. São também vendidas mudas a varejo nas chácaras de folhagens e paisagismo local.

São também vendidas as mudas de palmitos para cortadores de palmitos civilizados pegos pela polícia florestal. Esses cortadores, ilegais, inseridos em penalidades precisam pagar em mudas de palmitos para a Prefeitura Municipal de Bertoga. É o juiz dessa comarca que decide por essa punição e também proteção do reflorestamento.

O viveiro principal conta com umas 30 mil mudas dos diferentes tipos para serem vendidas.

Foi doada uma média de 500 a 1.000 mudas para cada comunidade local da aldeia desde o início do projeto.

Trata-se de um trabalho autônomo que se originou da iniciativa de um índio. Sob o impacto destrutivo do corte do palmito e “vendo que cada vez tinha que caminhar para mais longe para obter os palmitos” o líder reagiu contra essa tendência. Ele mesmo trouxe as sementes do meio da mata e foi replantando em áreas vizinhas. Depois iniciou a formação das sementeiras e do primeiro viveiro, hoje o mais antigo.

A iniciativa contou com um apoio das prefeituras de São Sebastião e da Boracéia no sentido de subsidiar pela compra de materiais para o viveiro e doações dos saquinhos plásticos.

No ano de 2002 o recurso da Secretaria do Meio Ambiente através do PDA – Projeto Demonstrativo do Meio Ambiente – permitiu novos investimentos. Foi construído um escritório que no momento está sendo terminado e mobilado. O escritório visa dar organização para atender o projeto, poder criar meios de documentação e registro de dados e clientela. Há planos de modernização pelo uso de telefone, fax.

A FUNAI ajudou com a compra de mudas para a Barragem. Foram compradas 500 mudas em 1999.

3. O projeto *Jeju* nasceu sozinho. Conta com apoio de prefeituras, da FUNAI. No presente, a ajuda mais significativa é proveniente da entidade da aldeia designada *Nhande Ru Miri Mba´e Kuaa* que inseriu a construção do escritório em projeto da comunidade.
Mas, o projeto tem autonomia e se ordena tendo como centro o líder (Vando Karai).

4. A clientela direta que está envolvida com essa iniciativa de reflorestamento compreende as famílias, parentelas que formam os núcleos locais. A parentela do líder compreende 10 famílias com 50 pessoas sendo 20 adultos e 30 jovens e crianças com mais de 10 anos. As comunidades da aldeia compreendem os outros seis grupos locais com umas 60 famílias. No todo a aldeia conta com umas 350 pessoas comprometidas com a iniciativa do reflorestamento e esperança de sustentabilidade.

Outras aldeias indígenas que foram atingidas compreendem Barragem com 500 habitantes (aproximadamente) Krucutu com 150. Devemos ter em mente que a iniciativa opera por meio de influência direta, as doações de mudas. Mas é, sobretudo, através do ambiente educativo com que a cultura e o cultivo do palmito vêm atingindo o público das várias aldeias que a iniciativa de Vando Karai ganha repercussão. Toda a coletividade Guarani do litoral do Estado de São Paulo dispersa pelas aldeias, vêm sendo fortemente influenciada por essa iniciativa.

As coletividades são: Barragem (SP) com 123 famílias e 560 habitantes; Krucutu (SP) com 23 famílias e 150 habitantes, Jaraguá (SP) com 45 famílias e 150 habitantes, Boa Vista (Ubatuba) com 25 famílias e 130 pessoas.

De forma mais ampla, o projeto atinge as populações não indígenas principalmente dos municípios da Boracéia e de São Sebastião que estão mais envolvidas com a presença dos guaranis; aí cada vez mais se conscientizam sobre a realidade ambiental da Mata Atlântica, enfocando-se os núcleos indígenas. A questão ecológica enfocada em torno do palmito ganha vulto.

5. O gasto orçamentário do programa não permite avaliação direta por se tratar da iniciativa de um líder e do caráter voluntário de seu investimento. Os subsídios das prefeituras de Bertioga e São Sebastião ocorreram na forma de doações de saquinhos durante os últimos seis anos e também por terem colaborado na formação do viveiro mais antigo.
As verbas das vendas das mudas e dos caules nos últimos 5-6 anos representam um orçamento que se escoou na forma de manutenção dos recursos e de sustentação da subsistência e da família. Esse orçamento resulta principalmente da venda de mudas seja para particulares como através de órgãos públicos. O líder dispõe de uma caderneta de poupança para onde destina os rendimentos no presente esta caderneta de poupança conta com apenas cerca de quinhentos reais.
6. As pessoas da comunidade local do projeto que estão diretamente envolvidas formam a própria parentela do líder. Compreendem 8 a 10 famílias (30 pessoas). Ajudam o líder mediante um trabalho voluntário 15 membros com a idade de 10 a 15 anos e mais 5 adultos. O líder se ocupa de supervisionar as tarefas, organiza o trabalho, reúne-se com a equipe infanto-juvenil para decidir o trabalho. As mães colaboram com o trabalho, pelo controle, desempenho doméstico que estimula e orienta as iniciativas infanto-juvenis. Essa participação não tem interesse salarial sendo enfatizado o seu valor de colaboração. Designa-se *me'ê* (verbo dar), significa DOAÇÃO. Os colaboradores são presenteados e recebem gratificações geralmente na forma de alimentos e presentes (roupas, sapato e outras utilidades).
7. As organizações que atuam sobre o projeto ocorrem na sua fase mais atualizada. Compreenderam no início o auxílio das prefeituras de São Sebastião e da Boracéia pelas doações de saquinhos e compra de mudas. A Associação Comunitária Indígena *Xe Ru Miri Mba'é Kuaai* (Nosso Pequeno Pai Sábio) data do ano 2001 e foi através dessa entidade que várias medidas puderam ser conseguidas. Destacam-se a ordenação de planos de vendas e de produção das mudas, a criação de novos projetos que visam dinamizar o plano de organização de arquivos, listagem de clientes e planos de vendas. Através dessa entidade é que se conseguiu as verbas de um projeto que foi financiado para a construção do escritório (em fase final) e também a obtenção de uma máquina de fazer suco de açai. A entidade Memória Viva Guarani, formada por índios guaranis, sediada na Barragem (SP) vem apoiando o projeto tendo subsidiado visitas ao local das mudas.

O líder revela evidências sobre a participação da FUNAI no projeto. Além de ela atuar como estimuladora do projeto ela fez compras de mudas para a aldeia Barragem, no início deste ano. Essas mudas estão sendo germinadas para entrega futura (foram mil mudas já pagas, mas não transportadas – valor: R\$ 1.000,00).

8. Os mecanismos de participação da comunidade local, a parentela, ocorrem pelo preenchimento dos saquinhos com terra e pela colocação da semente, formação dos canteiros. Essas tarefas são feitas pelos infantes e jovens. O líder dirige as operações e ordena os plantos e formação de sementeiras mediante seu conhecimento tradicional e prático das espécies de palmito. Os adultos colaboram no plano de trabalho, enfileiram os palmitos e obedecem aos planos conforme o tipo de muda. Em caso de transporte todos colaboram. Digno de nota é a forma de convívio de todos com a planta, acompanhando o amadurecimento dos frutos nos palmitos já crescidos, a coleta e retirada dos frutos para plantio. Essa atividade e o seu envolvimento com o meio ecológico produziram uma concepção de tempo que vem sendo fundamental na definição do estilo de vida. Os jovens já vislumbram o futuro com um desempenho mais eficiente e racional do que os pioneiros. Vêem aquela imensidão de cachos de frutos como uma fonte de sabedoria divina, de forma onipresente. Sentem-se ricos e mediante esse recurso retêm-se valorizados.

9. e 10. O trabalho teve início em 1995 quando o líder começou a ficar preocupado com a extinção do palmito jucara que ele mesmo cortava.

“Eu via que ficava cada vez mais longe e se tornava mais raro. Essa devastação me angustiava, sabia que os animais estavam ficando sem alimentos. As caças iam se distanciando. Eu procurei na Casa de Agricultura de São Sebastião como poderia plantar palmitos. Falei que eu já tinha começado com o jucara. Aí, fui orientado a plantar outras espécies: pupunha, açai, híbrido. Eles ofertaram as primeiras mudas, 300 de pupunha. Com essas 300 eu iniciei o meu trabalho. Eles deram orientação e o tempo foi correndo. As mudas cresceram. Ao ficarem grandes após 4, 5 anos eu me animei de plantar o açai. O açai entrou há 4 anos. Ao palmito híbrido comecei no ano 2000. No ano 2000 fiz curso com outros cinco líderes da aldeia, em Miracatu, sobre a produção de mudas, inserinação e como plantar o híbrido. O ponto inicial de produção foi em um local próximo do atual viveiro. Há dois anos atrás a Prefeitura Municipal de São Sebastião me ajudou a fazer o viveiro que funciona atualmente. O primeiro plantio foi em volta de casa. A partir de 1999 foi que começou a distribuir o plantio para outras comunidades desta aldeia. Só em 2000 começou a distribuir para outras aldeias.

Neste ano é que a nossa entidade *Nãnde Ru Mirim Mbae Kiuaa* pode dinamizar os planos com o projeto PDA da Secretaria (ou do Ministério?) do Meio Ambiente, em Brasília. Fizemos o escritório e já está mobilado. Agora pretendemos arrumar um carro para transporte das mudas. Conseguimos também comprar uma máquina de fazer suco do fruto do palmito Açai. Ainda não iniciamos o uso dessa máquina. A FUNAI ajudou a trazer a máquina do aeroporto”. (depoimento do líder do projeto, para a antropóloga Marília Ghizzi Godoy em 21.06.02).

11. O obstáculo mais grave que nos acompanha desde o início é a falta de recursos tanto para o trabalho como para manter a família. Muitas vezes não se tem dinheiro para comprar qualquer coisa e com isso as tarefas ficam atrasadas.

Temos que contar com os jovens e, às vezes eles não podem ajudar, pois têm que ir para a escola.

“A meu ver eu ainda estou no início. O escritório vai permitir eu expandir este trabalho.

Falta a dinamização das vendas e ajuda para transportar as mudas para outras aldeias.

Pretendo ampliar o viveiro aumentando a extensão. Pretendo organizar também o plantio das helicônias que iniciei nos últimos anos.

Estou tentando ver se consigo colocar um telefone e um fax que vai me ajudar na procura de mudas e das helicônias”.

12. Do ponto de vista qualitativo podemos avaliar o projeto como tendo conseguido tomar impulso e se ordenar com empenho. As mudas e o reflorestamento tomaram vulto e hoje já contamos com este expediente na aldeia. Pretendemos dar maior extensão quantitativa preenchendo espaços pelo plantio e criando positivamente essa política de reflorestamento e de sustentabilidade nas outras aldeias.

A repercussão foi tendo sucesso do ponto de vista qualitativo e educativo pois a iniciativa passou a ser integrada no nosso **modus vivendi**. Na verdade o palmito pertence à própria natureza indígena e essa lavoura indica encontrar “nós mesmos, indígenas, moradores da mata as soluções”.

O que também tomou vulto foi à forma como o projeto se encaminhou recebendo visitas tanto de parentes, de outros índios e de não índios.

13. A mais importante conquista do programa foi quando pudemos vender as mudas para as prefeituras (São Sebastião e Bertoga), para a FUNAI, para os parentes das outras aldeias. Podemos ver a reaproximação das caças as quais tendo os frutos, vêm procurá-los.

14. A principal inovação do projeto consiste em criar meios de sustentação para as famílias e não precisa ir coletar os palmitos no interior da mata, cada vez mais raros e mais distantes. Com o rendimento das mudas os outros puderam ver e também se iniciar nessa atividade. Trata-se de uma forma de valorizar a nossa vida e buscar recursos para nós vivermos sem precisar destruir a mata.

15. A questão da pobreza para mim significa que as pessoas não sabem ter iniciativa, elas não sabem ver aquilo que tem na natureza e trabalhar de forma a serem valorizadas. Não acreditam em si próprias. Para os índios a ausência de bens materiais não indica pobreza. É a ausência de projetos e de objetivos, o desânimo que se justifica como pobreza; tem mais o sentido de “coitado”.

16. A principal questão de cidadania é a valorização do próprio índio e encontrar uma solução para que os filhos tenham como viver com suas próprias condições.

“Não precisamos mais viver na miséria”. “Podemos nos fortalecer com nossas próprias sabedorias”.

Diz o chefe. Retrata-se uma auto-estima da pessoa, da família, da comunidade que se projeta interna e externamente.

17. O programa já participou no ano 1999. A principal diferença consiste na forma como ele se projetou nas outras aldeias, ganhou fama e tende a criar um espaço de identidade para as aldeias indígenas guaranis do Estado de São Paulo. Sobretudo de uma identidade com projeção ecológica e de desenvolvimento sustentável.

18. A maior deficiência do programa compreende a falta de recursos, de ter dinheiro em caixa para dinamizar as operações muitas vezes a comunidade passa por privações econômicas sérias que impedem o trabalho das crianças, a boa disposição dos adultos.

Há 10 anos que este projeto sobrevive com mínimos recursos.

“Karuaí” é o termo para designar esta situação, ele pode ser traduzido como ausência de alimentos, miséria que atinge a questão da fome. Os recursos obtidos desde o início do funcionamento compreendem uma verba que escouou para os investimentos e para a família e gratificações aos colaboradores. De modo que o projeto já existe há 10 anos e luta para a formação de fundos próprios.